ENERGIA E ALIMENTOS
XVI Seminário de Iniciação Científica
XIII Jornada de Pesquisa
IX Jornada de Extensão
UNIJUÍ . 23 a 26 de setembro de 2008

DA BOA VONTADE AO SUPREMO (SUMO) BEM OU DA (IM) POSSIBILIDADE DA POLÍTICA A PARTIR DO DEVER MORAL.[1]

Claiton Rui Da Costa Portilho[2]

INTRODUÇÃO: Kant é um dos maiores pensadores desde o Iluminismo. Não é sem razão que o filósofo de Könnigsberg é considerado um marco no pensamento moderno. Sua teoria moral compreende a Fundamentação da Metafísica dos Costumes, a 2ª Crítica e a Metafísica dos Costumes e busca os fundamentos de uma razão pura prática e, sobre tais alicerces, erigir o seu sistema moral de modo a eliminar as influências sensíveis e, assim, garantir o primado da razão. É a teoria kantiana um exemplo de sistema de normas morais. Já a sua filosofia política foi um tema não completo. Analisando sua obra, é possível considerar que Kant talvez buscasse como objetivo final dos seus escritos uma intersecção entre a ética e a política enquanto filosofia ou até mesmo um sistema. "A verdadeira política não pode, pois, dar um passo sem antes ter rendido preito à moral". (Kant, A Paz Perpétua e outros opúsculos, 19(?), p. 163-164). MATERIAL E MÉTODOS: Nesse viés, de uma (im) possibilidade entre ética e política no ideário kantiano sopesada na sua obra - principalmente na FMC, na Crítica da Razão Prática e na Metafísica dos Costumes, além da A Paz Perpétua e outros opúsculos – se insere esta pesquisa para aferir as intersecções entre ambas, traçando um liame da boa vontade como premissa fundamental da moral e o supremo bem enquanto fim da política. RESULTADOS: O homem não é e nem poderia ser, essencial e naturalmente moral, eis que "habita", de forma concomitante, em dois mundos. De um lado o da razão, do dever-ser; do outro o mundo sensível, da experiência, do ser. Tal dualidade não é espacial e nem temporalmente demarcada. Ela "acontece" ao mesmo tempo e no mesmo lugar. Não poderia o homem e qualquer outro ser racional, ao seu mero dispor, isolar-se em um deles. Se tal acontecesse, no caso do mundo da razão, teríamos o ser racional que se conformaria indistintamente com a moral, o que o conduziria à condição de forma suprema e perfeita da ação moral, à ausência de imperativos, que é a vontade santa. No sentido contrário, concebendo o homem somente como instinto, como escravo das inclinações, imperaria um estado de guerra permanente, o que parece, igualmente, impossível. Sendo o homem dual, pertencendo a dois mundos, o sensível e o racional não há a mais remota possibilidade de se eliminar quaisquer deles. O que se questiona é em quanto um tal sistema moral poderia contribuir para que ideais políticos - e o que interessa nessa pesquisa é o supremo bem – tendo por liame a boa vontade, possam se efetivar. Devem-se pensar as proposições kantianas acerca da filosofia moral como um processo de auto-avaliação, balizado pela máxima moral. Não se olvide que é em Kant que o valor passa a ser aferido pela razão do indivíduo e não mais dado meramente pelo objeto. Não basta mais conhecer as leis segundo as quais tudo acontece e sim refletir e conhecer no tocante ao que deve acontecer ou as condições segundo as quais não acontece o que devia. CONCLUSÃO: A possibilidade de se conceber um sistema de normas morais, necessário e universal, no qual a boa vontade, assim vista como vontade livre, autônoma e autolegisladora, tem significativa relevância na elaboração de outros sistemas, por intermédio dos conceitos de autonomia, liberdade e felicidade, aqui compreendida como a satisfação de todos os desejos e inclinações. Conceitos que comporão um sistema jurídico

(doutrina do direito), um projeto político-cosmopolita (a paz perpétua), além da própria filosofia prática (2ª crítica e a metafísica dos costumes).

1 Dissertação de mestrado - projeto e resultados iniciais

2 Mestrando em Filosofia - MINTER